

A CRIAÇÃO NEOLÓGICA NA SOCIOTERMINOLOGIA DO COCO BABAÇU

Josete Marinho de Lucena*

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo de termos neológicos do universo discursivo do coco babaçu, catalogados a partir do glossário pertencente ao trabalho de tese denominado *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu*, trabalho apresentado na Universidade Federal do Ceará, em outubro de 2008, tinha como objetivo inventariar termos do universo do babaçu. Na presente pesquisa, é objetivo nosso analisar e refletir sobre os processos de criação lexical pelos quais passam os termos neológicos do universo do babaçu. Utilizamos as teorias relacionadas a unidades neológicas dentro da Terminologia e das demais ciências do léxico.

Palavras-chave: Neologia - Terminologia- coco babaçu.

Abstract

The present paper shows a study of neologic terms about the discursive universe of babassu coconut, catalogued from the glossary belongs to the theory work intitled *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu*, the work was showed in the Ceará Federal University, in october 2008, its purpose was to take stock term of babassu. In this investigation our pupose is to analyse and to reflect about the processes the neoligic terms of babaçu universe pass. We make useful the theories broughy into relation with the neologic units in Teminolgy and the others Lexico sciences.

Key-words: Neology- Terminology- babassu coconut.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Para o pesquisador é sempre muito gratificante re-visitatar pesquisas realizadas e perceber que ainda há muito a conhecer e explorar sobre um tema um dia estudado. E, em se tratando de aspectos linguísticos que permeiam outras áreas do conhecimento e auxiliam na compreensão do fenômeno linguístico, a curiosidade torna-se sempre muito aguçada e otimiza novas visões, novas descobertas feitas e, conseqüentemente, novos vocábulos, termos e definições, o que é bem peculiar aos estudos lexicais e/ou terminológicos, pertinentes, sobretudo, à criação neológica da língua.

Desta forma, a discussão que ora trazemos rememora parte da pesquisa desenvolvida nos Estados do Tocantins e Maranhão para a realização do trabalho de Tese, intitulado *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu*. O objetivo da pesquisa de tese era recolher termos para a elaboração de um glossário do coco babaçu, o que oportunizou perceber aspectos sociais, culturais, históricos, dialetais, sociolinguísticos presentes no léxico relativo ao citado produto tão amplamente utilizado por comunidades espalhadas pelos dois estados brasileiros. De posse do glossário, deparamo-nos com termos que consideramos neológico, quer por sua formação, quer pela nova acepção que ganha ao entrar no universo discursivo do coco babaçu. A neologia dá-se, desta forma, por uma situação de necessidade de nomear novos inventos e novas tecnologias, como acontece com mais frequência com o acervo terminológico das áreas de especialidades que remontam aos princípios da TGT; ou ainda na situação de migração sógnica (FERREIRA, 1997) ou por empréstimo interno (CORREIA, 2010), como veremos adiante. Consideraremos como neológicos, neste trabalho, termos e expressões que ainda não foram dicionarizadas ou que aparecem nos dicionários com acepções

* Professora Adjunta do Departamento de Letras - CCLHA / UFPB.

diferentes das que se apresentam na área de especialidades por nós estudada, por isso são considerados por Alves (1995) como em fase neológica. Os usados na pesquisa são considerados neológicos a partir das observações feitas nos dicionários eletrônicos de Língua Portuguesa Houaiss e Aurélio. Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva analisar os termos neológicos que aparecem no glossário do coco de babaçu e fazer uma breve reflexão sobre essas unidades neológicas.

REFLETINDO SOBRE O NEOLOGISMO

A língua está sempre exposta a passar por transformações. Essas transformações ou mudanças linguísticas ocorrem em grande parte no seu léxico, sobretudo, devido ao “desaparecimento” por desuso de unidades lexicais (os arcaísmos) ou “surgimento” de novas unidades lexicais (os neologismos). Recai sobre os últimos, praticamente a responsabilidade de manutenção da língua. E é sobre o processo neológico que pretendemos levantar algumas reflexões agora.

A nossa primeira reflexão relaciona-se à definição de neologismo, causa de discussões diversas a ponto de Rey (1976) o considerar um pseudoconceito, por seu caráter efêmero. Para compreendermos tal posicionamento é importante, mesmo antes de definir este termo, fazermos a distinção entre neologia e neologismo na perspectiva de Alves (2007, p.6) que afirma ser, respectivamente, processo e produto da criação lexical. Ainda devemos acrescentar que a neologia, além de ser considerada como o processo de introdução e adaptação do vocábulo à língua, é definida também como estudo dos neologismos ou conjunto de neologismos. O neologismo é largamente reconhecido na língua geral pela sensação inovadora que causa nos usuários da língua. No entanto, sua comprovação científica é comprometida por sua fluidez, ou seja, o que é um neologismo hoje não poderá sê-lo por muito tempo. Neste sentido, que parâmetros precisamos adotar para identificar um neologismo?

Há vários critérios para considerar uma unidade lexical como neológica, Alves (2003, p. 262) destaca quatro critérios:

1. temporais, quando é criada num período recente;
2. psicológicos, quando é sentido pelo falante como nova;
3. de instabilidade em aspectos morfológicos, gráficos ou fonéticos;
4. lexicográficos, quando ainda não se encontram em dicionários da língua geral.

Os critérios mencionados são factíveis e apresentam dificuldades para estabelecerem se a unidade lexical é neológica ou não. Os três primeiros critérios apresentam dificuldade de ordem metodológica, seja pela sincronia

pertinente à unidade lexical, reiterada pela novidade comum à unidade do discurso, que com o uso constante passa a unidade da língua e perde gradativamente a sensação de novidade para os falantes; seja por não podermos mensurar, sobretudo, para efeito de pesquisa, unidades do discurso e sim da língua e, se assim o for deixa de ser neológica por ter um tempo maior de uso, por se tornar comum aos falantes, por adaptar-se às questões formais da língua. Surge, então, um questionamento: quando podemos considerar uma unidade lexical neológica?

Formalmente uma unidade lexical sai do processo neológico e entra na língua, quando é registrada em dicionário. Portanto, metodologicamente, são consideradas neológicas as unidades lexicais que ainda não foram dicionarizadas. Apesar de também não representar a realidade do comportamento neológico do Português brasileiro, pois muitas unidades demoram a entrar nos dicionários pela falta de agilidade em se atualizar dicionários e/ou por falta de abrangência às áreas de conhecimento. Entretanto, este é o critério que apresenta um pouco mais de facilidade para mensurar o caráter neológico de uma unidade lexical, por parecer também o menos subjetivo dos critérios. Por este motivo, achamos conveniente utilizá-lo para considerar ou não um termo neológico no universo lexical do babaçu.

A escolha do critério deu-se também, porque ao fazermos o levantamento no glossário em apreciação, dos 182 termos levantados, 108 não foram encontrados nos dois dicionários eletrônicos de Língua Portuguesa, Houaiss e Aurélio a época do levantamento, em 2007 e, ainda dos 74 termos dicionarizados, 12 apresentavam aceção diferente. Tais fatos leva-nos a evidenciar uma constância de termos neológicos com as mais diferentes procedências.

De posse de um procedimento metodológico viável para tentarmos conceituar a unidade neológica, perguntamos-nos: como se faz ou que mecanismo são usados para essas unidades serem criadas ou reinventadas? Concordamos com Basílio (1987, p.5) ao afirmar que

Quase sempre fazemos uso automático das unidades lexicais (grifo nosso), sem parar para pensar muito nelas. E não nos damos conta de que muitas vezes estas unidades com que formamos enunciados que não estavam disponíveis para uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente na hora em que a necessidade apareceu. Do mesmo modo, quando estamos lendo um artigo no jornal, um livro, etc., em geral não percebemos algumas unidades lexicais (grifo nosso) do texto que não faziam parte do nosso vocabulário anteriormente à leitura.

Desta forma, percebemos que a dinamicidade da língua evidenciada pela presença de novas unidades lexicais acontecem naturalmente, muitas vezes ou quase sempre utilizando-se de mecanismos da própria língua. Neste sentido, ressaltamos que o surgimento das novas unidades lexicais pode ocorrer por meio de três processos: a neologia formal, a neologia semântica ou a neologia de empréstimo.

A **neologia formal** ocorre mediante alteração sintática, morfológica e fonético-fonológicas próprias da língua. Para Cabré (1993) essa instabilidade formal se constitui como definidora do neologismo, ou seja, as mudanças formais ocorridas, de qualquer ordem, na unidade lexical levam ao reconhecimento dessa unidade como neológica. Na realidade do glossário do babaçu, essas unidades aparecem em número considerável sob forma de fraseologismos, formado de unidades lexicais já existentes em outro sentido na língua, mas que, ao se juntarem a outra ou outras unidades lexicais ganham nova acepção, ou melhor, representam outro significado, têm um outro referente. Aparecem também unidades lexicais simples, outras que se formam a partir da junção de unidades lexicais para tornarem-se acrônimos e siglas e ainda há unidades neológicas advindas da redução de uma unidade lexical já existente no sistema linguístico, como podemos ver ilustrado no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Quantidade de neologias formais do coco babaçu, separados por elementos formadores.

Fraseologismos	Siglas	Acrônimos	Derivação	Sim-ples	redução
72	1	14	12	7	1
107					

Pelo quadro acima, vemos que a formação neológica do babaçu é um campo vasto de fraseologismos e de unidades formadas por derivação. Podemos observar também que, acompanhando a tendência do Português, as unidades neológicas pertencentes ao universo do babaçu compõem-se, em grande parte de seus neologismos formados por estes processos como consta no quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Distribuição por processo de formação do neologismo.

Neologismo formal	Neologismo semântico	Neologismo por empréstimo
107	12	1
120		

A **neologia semântica** ou **conceitual**, considerada também como migração signíca ou empréstimo interno, dá-se mediante a mudança de sentido em uma unidade lexical já existente na língua. Um exemplo disso é a palavra *arame*, que aparece no universo discursivo do babaçu com a seguinte acepção: *Equivalente à cerca; no caso do babaçu a palavra ganha a conotação de proibição, impedimento. Indica que por a terra estar cercada, as mulheres quebra-deiras estão proibidas de entrar nas áreas de ocorrência do babaçu.* (LUCENA, 2008; p. 95), diferente das definições que encontramos nos dois dicionários. Da mesma forma que acontece com a unidade lexical *arame*, mais 11 outras unidades do universo discursivo do babaçu tornam-se neológicas pela mudança de significado, mesmo permanecendo com sua forma inalterada. Ao passar por esse processo, a unidade lexical é metaforizada, nomeando um

outro referente, que mantém com o primeiro referente uma relação metonímica, pois a unidade lexical *arame* =cerca (do universo do babaçu) geralmente feita de *arame* (produto de que é feita a cerca, como encontramos nos dois dicionários), indica, sobretudo, proibição, representa um todo. Há, portanto, nessas relações semânticas semas acrescidos que tornam o termo *arame*, neológico. Com esta ilustração, pensamos que pode-se compreender um pouco mais o processo por que pode passar uma unidade lexical a ser considerada com uma unidade neológica.

O outro processo é o **neologismo por empréstimo** que acontece mediante a entrada de uma unidade lexical de outro sistema linguístico por falta de um termo que o substitua na língua e, por isso, é geralmente aceita com rapidez na chamada língua de chegada, ou de acolhimento. O uso de unidades neológicas por empréstimo é relativamente grande em algumas áreas de especialidades, como temos, modernamente, a área de informática.

Em nosso estudo, relatamos raríssimas unidades neológicas advindas de outras línguas, quando muito encontramos unidades lexicais de língua portuguesa que trazem na sua formação elementos mórficos de línguas latina, grega, celta, entre outras que já se incorporaram ao Português há muito tempo e que, por este motivo, os falantes nem têm sensação de que estão em contato com um unidades alheias à sua língua. A nosso ver, a escassez de termos neológicos por empréstimo deve-se ao fato de ser ainda o babaçu um produto com beneficiamento feito, em grande parte, de forma artesanal e com um longo histórico de valorização do produto por meio de máquinas desenvolvidas a partir da valorização de grupos humanos que beneficiam o produto. Apesar de ser um produto quase que exclusivamente brasileiro e, por esse motivo com boa aceitação no mercado internacional, a necessidade de nomear produtos e processos relacionados ao babaçu acontece em expressiva maioria por meio de termos da língua portuguesa ou, pelo menos, por termos constituídos com item lexicais já acomodados ao Português. O único estrangeirismo que encontramos foi na empresa de beneficiamento de babaçu- a TOBASA, que desenvolveu uma espécie de substituto para lenha, carvão mineral e combustíveis derivados de petróleo a partir da biomassa do babaçu, nomeado de *pellets*, visto que trata-se de pequenas bolas feitas da biomassa do babaçu. É interessante perceber que a nomeação dá-se pela analogia do formato do objeto assim nomeado em Inglês. Há, assim, uma metaforização, ou seja, a semelhança do objeto possivelmente, motivou a denominação a ele dada. Há ainda, nesse caso um acréscimo de semas, comum nesse tipo de neologia. Nesse caso, a escolha da denominação também ocorre por questões de estratégia mercadológica. Busca-se a aceitação do produto no mercado internacional.

Pensemos, então que o termo está na área de especialidades, mas está na língua geral. É portanto a um mesmo tempo unidade terminológica e unidade lexical. Seu com-

portamento será o mesmo de uma unidade lexical qualquer, inclusive quanto ao tom inovador na língua. Pode, inclusive, soar, como neológico para um falante da língua geral, não conhecedor da realidade de uma determinada área de especialidade, na concepção de um neologismo semântico ou cognitivo visto anteriormente.

Ao nos adentrarmos em pesquisas em determinadas áreas de especialidades, sobre as quais ainda não temos um conhecimento mais profundo, mesmo como estudiosos do léxico, sentimo-nos impelidos a pensar no espírito inovador de termos com os quais nos deparamos. Esse fato ocorreu com muita frequência durante a pesquisa de termos ligados ao babaçu. Para resolvermos este impasse ratificamos nossa escolha metodológica, comprovando nos dicionários eletrônicos Houaiss e Aurélio a presença do termos coletados e, se confirmada a presença, verificamos a aceção que constava no dicionário, confrontando-a com a encontrada durante o levantamento dos termos.

Nesse momento da pesquisa, percebemos a pouca frequência, aparentemente dessas unidade neológicas, as mais comuns tratavam-se das chamadas lexias complexas ou fraseologismos como vemos ilustrado no quadro 1. Entretanto, foi possível identificar casos comuns de *hapax*, que segundo Barros e Davanço (2004, p.93) trata-se de unidades lexicais com ocorrência de única num corpus coletado. Um dos casos que nos chamou atenção foi a *jo-dera*, termo não dicionarizado que encontramos como variação de *rodela*, que aparece no discurso de uma informante no Estado do Tocantins e de outra informante da região e que no glossário do babaçu tem o seguinte conceito: Fatia feita a partir do endocarpo do coco de babaçu, usado em larga escala na confecção de bijuterias de peças artesanais.

Após essa série de reflexões e descrições sobre a neologia do coco babaçu, tentaremos trazer alguns conceitos e exemplificações de unidades neológicas dentro das áreas de especialidades.

UNIDADES NEOLÓGICAS NA TERMINOLOGIA: CONCEITOS E CONFRONTOS

Como sabemos o léxico de uma língua é a parte que mais sofre variações e que contribui para a evolução da mesma. Neste trabalho, temos visto que a renovação lexical que as unidades neológicas proporcionam é fértil trabalho para as ciências do léxico. Não há dúvidas de que a Lexicologia e a Lexicografia, numa sociedade globalizada como a nossa, a todo momento deparam-se com unidades lexicais neológicas a serem apreciadas, incorporadas, estudadas. Em se tratando das linguagens de especialidade ou universos discursivos, como o temos chamado, esse quadro não muda muito, pelo contrário, talvez a produtividade ainda seja maior, por essas áreas mais técnicas carecerem de denominações cada vez mais específicas que atendam às necessidades a que se propõe cada área e, nos dias atuais

não mais com a visão que inicialmente teve o engenheiro austríaco Eugênio Wüster, com a TGT (Teoria Geral da Terminologia) de nomear sistematicamente produtos e processos de uma área de especialidades, mas com uma mentalidade de descrever ocorrências com as unidades terminológicas.

Desta forma, entre os muitos comportamentos que uma unidade terminológica, que também é lexical, pode ter encontra-se o neologismo, como temos visto. Mas o que é essa unidade neológica na área terminológica? Como essa unidade terminológica precisa se portar para ser considerado como neológica?

Tentados a responder o primeiro questionamento, lembramos do que diz Biderman (2001, p.13) ao afirmar que *O léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade*. Portanto, é por meio dessa percepção da realidade que o usuário vai criando termos, no caso das áreas de especialidades, para nomear referentes do seu universo terminológico. A autora (2001, p 13) continua dizendo que

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios[...] podemos afirmar que o homem desenvolveu estratégias engenhosas ao associar palavras e conceitos, que simbolizam os referentes.

Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que há a necessidade de nomear os referentes, é preciso dar significado ou confirmar o conceito, que se nomeou. Então essa relação nome-conceito ou conceito-nome, como já postula a Terminologia moderna, passa por diversas estratégias para fazer representar o referente. E, muitas vezes, a língua não conta com palavras, que possam designar esse conceito, o que leva à criação de novas palavras, seguindo a morfosintaxe da língua. No caso das linguagens de especialidades, há uma necessidade constante de criar termos ou, muitas vezes, pedir emprestado a outro sistema linguístico, para denominar produtos e processos envolvidos numa determinada área do conhecimento. Portanto, na área de especialidades é comum o uso do neologismo e do empréstimo de outra língua.

Segundo Alves (2001, p.25),

A história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas. Como consequência, estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, refletem a importância atribuída ao fenômeno neológico no nível lexical.

Tal fenômeno toma uma proporção maior em se tratando de linguagem de especialidade, pois se na língua

geral o neologismo a faz crescer em número de unidades lexicais, na linguagem de especialidade, o neologismo constitui-se como o próprio termo, que muitas vezes, como consideram estudos da área, não se encontram no dicionário geral com a acepção em que é empregado no domínio de especialidade, como já vimos neste trabalho.

No século XX, muitos trabalhos lexicológicos voltados para o estudo do neologismo foram publicados. O primeiro destes é o trabalho do francês Peter Wexler *La formation du vocabulaire des chemins de fer em France*, que tratava de um vocabulário técnico sobre as ferrovias na França. Com a publicação desse trabalho, muitos outros o seguiram. Alves (2001, p. 26), destaca que a relevância do trabalho também se deu em vista de se ter um “vocabulário técnico em relação ao conjunto do léxico e bem delimitado no desenvolvimento da língua”. Percebemos com isso a pertinência da Terminologia para um léxico geral e a sua preponderância para o desenvolvimento linguístico. A citada professora também afirma que nesse tipo de trabalho se sistematiza um vocabulário técnico ou científico por meio da descrição morfológica e semântica dos termos. Em consonância a essa descrição,

São estudados os processos de formação que constituem novas unidades lexicais e também as relações semânticas (campos semânticos, campos nocionais, sinônimos, antônimos, relações hiperonímicas e hiponímicas) que essas unidades neológicas estabelecem. Nesses estudos a atividade neológica reflete, pois, as duas vertentes vinculadas à Lexicologia, disciplinas de caráter estrutural: Morfologia e Semântica Lexical. (ALVES:2001, p. 26).

E, por conseguinte, também à Terminologia e à Lexicografia. Pois, apesar de muitos estudiosos insistirem na não existência dessas relações na Terminologia, é possível que tais relações semânticas ocorram mesmo em pequena escala. O que nos garante afirmar que a Terminologia é um subconjunto da Lexicologia e que, sendo subconjunto, nela podem ocorrer os mesmos fenômenos que ocorrem nessa ciência mais vasta.

Foi a partir da década de 70 que a neologia pôde ser considerada como fenômeno que podia ocorrer também nas linguagens de especialidades, pois a palavra neologismo tornou-se polissêmica, deixando de se referir apenas a aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, como justifica Boulanger, citado por Alves (2001, p. 26),

[...] Em razão das políticas de planejamento linguístico que passaram a emergir em vários países ou comunidades linguísticas. A neologia estabelece, assim, relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser realizado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e intervenção linguísticas.

Com as novas perspectivas dadas à política de planificação linguística, a Terminologia, na sua primeira tarefa de nomear, começa a ter uma relação mais próxima da neologia. Surge então a necessidade de estabelecer critérios para a criação neológica, sobretudo, quando estas criações fazem parte de uma área de especialidades. Neste sentido, Ainda Boulanger, citado por Alves (2001, p. 27), numa visão contemporânea da neologia, atribui as seguintes tarefas ao conceito de neologismo:

- processo prático de criação de novas unidades lexicais, na língua geral ou tecnoletos, por meio do recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais de uma língua;
- estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
- atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política de língua;
- tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção;
- relação com os dicionários, tanto gerais unilingües como específicos (dicionários de neologismos, de palavras selvagens, de empréstimos...)

Por todas essas atribuições dadas ao conceito de neologia, confirmamos a sua pertinência e preponderância para os trabalhos terminológicos. Assim, tanto os termos das linguagens de especialidades, como os neologismos da língua geral constituem-se como elementos recentemente introduzidos na língua. Vemos a necessidade de fazer a distinção entre os dois tipos de neologismos. Os neologismos da língua comum, como vimos anteriormente, são unidades lexicais pertinentes ao léxico geral. Nas línguas de especialidades, os neologismos ou neônimos, por sua vez, constituem-se como termos de uma dada área técnico-científica. Barbosa (2001, p. 45-6), afirma haver entre neologismos e neônimos semelhanças e diferenças, muitas delas já explicitadas por nós neste trabalho anteriormente. Ambos, neologismo e neônimo, podem ser gerados a partir da neologia fonológica, semântica, sintagmática, alogênética, havendo nesse sentido uma semelhança no que tange à formação do neologismo. Por outro lado, observamos diferenças de ordem semântica, sintática e pragmática, o que lhes confere estatuto, natureza e funções bem definidas. Apesar de existirem tais nomenclaturas para designar os dois tipos de neologia, consideramos mais conveniente usar apenas neologismo ou unidades neológicas, como temos tratado ao longo deste trabalho.

Há uma motivação advinda da necessidade de denominar os conceitos existentes nas áreas técnico-científicas na criação neológica nas linguagens de especialidades, com

temos percebido no termo *jodera, pellets*, entre outros ilustrados acima. Razão pela qual esses neologismos tendem a seguir normas, o que contribui para que eles manifestem um caráter relativamente normativo e relativamente estável na língua, como afirma Alves (2001, p. 28).

A professora continua afirmando que os neologismos criados no âmbito de um tecnoleto ou de uma área de especialidades pertencem a uma rede conceitual, suscitando uma relação unívoca entre designação e conceito, dando um caráter denotativo ao neologismo e proporcionando-lhes similaridade em línguas diversas.

A relação idealmente unívoca entre designação e conceito não impede, entretanto, que variações lexicais também sejam observadas nos tecnoletos, possibilitando que criações lexicais de caráter sinonímico possam corresponder a um único conceito e que um mesmo termo apresente relações polissêmicas. (Alves: 2001, p. 28).

Quanto à formação tanto dos neologismos, da língua geral como nas linguagens de especialidades, passam pelos mesmos processos: derivação, composição, formação sintagmática e por sigla, transferência semântica, truncação, empréstimos, pelo que vimos até agora.

Podemos observar que enquanto na língua geral os neologismos ocorrem predominantemente com unidades lexicais simples, já nos neologismos técnicos temos a predominância de termos formados por dois ou mais elementos, percentual apresentado no quadro 1, acima. Como podemos observar na linguagem do babaçu, a preferência por termos que são derivados ou compostos, por exemplo *coco melado, babaçual*.

Acontece com frequência, sobretudo, na língua de especialidades das formações sintagmáticas serem representadas por estruturas sintagmáticas formais diversas, como observamos no quadro 1, ou seja, são formadas, por exemplo, por um substantivo correspondente a um conceito genérico mais um adjetivo, que funciona como determinante do substantivo. É o que podemos ver em *terras* (substantivo determinado) + *avolutas* (adjetivo determinante) = *terras avolutas*. Uma outra formação seria o sintagma formado com preposição, como em *fio do machado, consorciamento do babaçual*. Formações como essas poderiam concorrer com suas respectivas siglas em algumas áreas, o que não acontece no caso do babaçu.

A criação de neologismos nas áreas de especialidades ocorre também pela migração sígnica ou mudança semântica, ou seja, unidades lexicais da língua geral passam a participar de um determinado domínio técnico-científico, ganhando novo significado. É o que contamos com o termo *curinga*, utilizado na terminologia do babaçu para designar *árvore grande, que se destaca entre as demais*.

Salientamos finalmente que todas as possibilidades que a criação neológica impõem a ver especificidade do neologismo terminológico que é o fato de desempenhar uma função denotativa, visto que os termos neológicos designam conceitos criados pela necessidade de nomear novos referentes, advindos do desenvolvimento técnico e científico.

A criação de neologismos terminológicos segue uma política de planificação linguística, por se constituírem criações motivadas pelas necessidades do desenvolvimento científico-tecnológico.

Segundo Alves (2001, p.30)

Essa política de planificação linguística deve orientar os critérios de criação de termos. Esses critérios, adotados por organismos internacionais, como o "Office de la Langue Française (Quebec, Canadá), obedecem a princípios de caráter lingüístico, sociolingüístico e metodológico.

Embora termos consciência da necessidade de normalização da criação neológica, não podemos obscurecer que essa, como diz Cabré, citada por Alves (2001, p. 30), tem o dever de refletir a dinamicidade da língua e a liberdade que os usuários desta têm de nem sempre seguirem as orientações dos organismos e propostas de planificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo discursivo apresenta, do ponto de vista do dicionário um número representativo de termos neológicos, mesmo em se tratando de uma área bem restrita do Português. A realização de pesquisas desse tipo auxilia, pelo menos, em dois sentidos: 1.º propicia a visibilidade do produto e da criação lexical de uma área; 2.º alastra as reflexões sobre a formação neológica na área de especialidades. Apresentamos aqui apenas uma visão parcial do que vem a ser o neologismo, sobretudo, numa área de especialidade ainda pouco estudada e divulgada e com probabilidade de novos inventos, como podemos ver já quando finalizávamos a pesquisa. Por isto, consideramos que há grandes possibilidades de perceber a expansão da pesquisa linguística e da própria língua, sobretudo, quando se trata de produtos que têm a sua cultura exploratória restrita a determinadas partes do país e feita por uma população considerada ainda minoritária. Confirmamos com este trabalho que alguns termos até se tornam neológicos pela pouca divulgação da área, portanto, o acesso que os lexicógrafos tem não permite inclui-los em suas obras lexicográficas. Este fato foi decisivo para encontrarmos no glossário do babaçu um número expressivo de unidades neológicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda. Empréstimos nas línguas de especialidades: algumas considerações. *Ciência da Informação* - v. 24, n. 3, 1995 - Artigos.

_____. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 25- 31.

_____. A neologia na língua falada. In.: PRETI, D. *Léxico na língua oral e na escrita*. São Pauo:Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 261-277.

_____. *Neologismo: criação lexical*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2007.

BARBOSA, M. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 33- 51.

BARROS, Lúcia almeida; DAVANÇO, Cássia Maria. Aspectos da produtividade lexical no domínio da biotecnologia. In.: ISQUERDO, A.N; e Krieger, M. G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grnde-MS: Ed. UFMS, 2004. p.89-100.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

CABRÉ, M.T. *La terminologie: teoria, metodologia e aplicaciones*. Barcelona: Antártida/ Empúries, 1993.

CORREIA, Margarita. Para a compreensão do conceito de empréstimo interno: primeira abordagem. In.: ISQUERDO, A. N. e FINATTO, M.J.B. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. IV. Campo Grande-MS: Edições UFMS, Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p. 39-63

LUCENA, Josete Marinho de. *Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu*. Fortaleza-Ce: 2008. Tese de Doutorado.

REY, Alain (1976). «Néologisme: un pseudoconcept?». In: Cahiers de Lexicologie, n° 28, p. 3-17.